



USO DE PLANTAS MEDICINAIS EM DOM VIÇOSO, MINAS GERAIS

C. J. Pais¹

V. Lamim - Guedes²

1-Fundação Educacional de Machado, Rua Madame Schimdt, 90-N. Sra. De Fátima, São Lourenço-MG, Brasil. E - mail: cynthiapaisbio@hotmail.com 2-Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Exatas e Biológicas, Programa de Pós - graduação em Ecologia de Biomas Tropicais.

INTRODUÇÃO

As plantas têm sido desde a antiguidade, um recurso ao alcance do ser humano. Durante milênios, o homem empiricamente aprofundou seus conhecimentos afim de melhoria nas condições de alimentação e cura de suas enfermidades, demonstrando uma estreita interrelação entre o uso das plantas e sua evolução (Miguel & Miguel, 2004).

O uso de plantas medicinais, plantas que tem atividade farmacológica, possuindo um ou mais princípios ativos úteis à saúde humana (Ferreira *et al.*, 1998), teve seu início provavelmente na pré - história. Os homens primitivos, assim como os animais iniciaram as "práticas de saúde", alimentando - se de determinadas plantas, pelo instinto de sobrevivência. Com isto poderiam ter observado determinados efeitos para minimizar suas enfermidades, acumulando conhecimentos empíricos que foram passados de geração para geração. Este instinto foi sendo perdido pelo homem moderno, porém, nos outros animais ainda podemos observar este fato. O acúmulo destas informações pelos homens primitivos propiciou o nascimento de uma cultura da arte de curar, que se tornou a base para o nascimento da medicina (Correa *et al.*, 2005).

No Brasil, o uso destas plantas teve início a partir dos conhecimentos indígenas, dos escravos e imigrantes, se restringindo principalmente às áreas rurais. Com o passar do tempo grande parte da população urbana passou a utilizá - la, praticamente mais de 50% da população faz uso de plantas medicinais como forma terapêutica complementar (Correa *et al.*, 2005).

Atualmente, a fitoterapia é atribuída a medicamentos originados exclusivamente de material botânico integral ou seus extratos usados com o propósito de tratamento médico (Ferreira *et al.*, 1998). Conseqüentemente, a utilização de fitoterápicos tem tido uma relevância sócio - econômica muito grande na qualidade de vida das comunidades de baixa renda dada a sua alta disponibilidade e baixa toxicidade, risco mínimo de efeitos colaterais e baixos custos e/ou sem ônus comparados aos medicamentos alopáticos (Hoareau & Da Silva, 1999; Rodrigues & Carvalho, 2001

apud Amaral, 2006).

Nessa perspectiva, surge a etnobotânica, definida por Amorozo (1996) como sendo o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo vegetal, englobando tanto a maneira como o grupo social classifica as plantas, como os usos que dá a elas, contribui para que se possa avaliar os recursos naturais utilizados em determinados locais. Por isso, são fundamentais, pois além de conseguirem avaliar e valorizar o conhecimento da população é o tipo de procedimento que proporciona o progresso dos estudos básicos e aplicados, fitoquímicos e farmacológicos, uma vez que fornece a matéria - prima aos pesquisadores de áreas afins e o conjunto de dados necessários para as análises pretendidas. (Santos, 2008).

Recentemente, tem crescido o interesse sobre este assunto e uma preocupação com a extinção destes conhecimentos. No Brasil, apenas nos últimos anos se iniciaram estudos etnobotânicos de metodologia científica bem definida que visam recolher e preservar por escrito esta quota - parte da nossa tradição, ao contrário de muitas regiões do globo como, por exemplo, na Espanha (Camejo Rodrigues, 2007). Deste modo, o resgate do "saber popular", mesmo em comunidades que não estão sendo consideradas tradicionais, como indígenas, quilombolas, entre outras e sim rurais, contribui de forma significativa para a pesquisa no campo da fitoterapia, uma vez que o conhecimento da comunidade abre caminhos para pesquisas de determinadas plantas, que popularmente são conhecidas por possuírem propriedades medicinais e contribui para a obtenção de dados sobre a tradição de determinados grupos.

OBJETIVOS

Este trabalho tem por objetivo analisar o conhecimento e uso popular de plantas medicinais no Município de Dom Viçoso, Minas Gerais, contribuindo assim para auxiliar no resgate e valorização do conhecimento da comunidade. E também procura evidenciar como os fatores sócio -

econômicos têm influenciado essa prática, através de questionários realizados com os moradores do local.

MATERIAL E MÉTODOS

3.1 Área de Estudo

O trabalho foi realizado no município de Dom Viçoso, no sul de Minas Gerais, Brasil. Localizado entre as coordenadas 22^o 15' 14" de latitude S e 45^o 09' 39" de longitude O (IBGE, 2009). A cidade está a 920 metros de altitude em relação ao nível do mar, esta inserida no bioma Mata Atlântica, com área de 113,18 km², aproximadamente 3.020 habitantes, com economia voltada para a produção agrícola e pecuária diversificadas. O setor industrial contribui com fábricas de laticínios e tijolos (IBGE, 2009). O município é predominantemente rural, evidencia a prática do cultivo de hortas em quase todas as propriedades, onde os moradores possuem desde pequenos arbustos a grandes árvores, hortaliças e plantas para fins terapêuticos.

3.2 Coleta de Dados e Entrevistas

Foram realizadas entrevistas de março a maio de 2009, com pessoas de ambos os sexos. Inicialmente, entrevistou-se moradores a fim de obter indicações de pessoas da comunidade consideradas detentoras de grande conhecimento sobre plantas medicinais, posteriormente, os mesmos foram procurados para que fosse aplicado o questionário. As entrevistas aconteceram em residências rurais e urbanas, com questionários pré-estruturados, com perguntas sócio-econômicas, sobre como a comunidade utiliza e adquire o conhecimento sobre plantas medicinais, questões sobre quais partes das plantas são utilizadas, qual a utilidade de cada espécie, modo de preparo e frequência de uso. Todas as entrevistas foram gravadas com aparelho Media Player 3 (MP3), para posteriormente serem transcritas e analisadas detalhadamente. Foram visitados os locais de cultivo das plantas pelos moradores, para se confirmar quais espécies são utilizadas.

3.3 Consolidação dos Dados

Primeiramente foram listadas todas as plantas citadas de acordo com o nome científico, agrupando-as pelas famílias botânicas e indicação do uso popular. De tal modo, as informações sócio-econômicas foram analisadas qualitativamente e agrupadas procurando-se perceber pontos em comum e divergentes que pudessem subsidiar uma caracterização de como tais fatores influenciam na utilização das plantas medicinais e buscar um entendimento e interação das informações.

RESULTADOS

Foram realizadas quinze entrevistas com pessoas indicadas como detentoras de grande conhecimento sobre plantas medicinais, sendo que 64 % são mulheres e 36% homens, na faixa de idade de 21 a 85 anos, todos conhecem e utilizam algum tipo de planta como medicamento, possuindo conhecimento sobre as plantas medicinais. Provavelmente, o maior número de mulheres citadas se deve ao fato de seu maior envolvimento com as atividades diárias na residência,

como preparo da alimentação e também cuidados dispensados aos membros da família, estando sempre prontas a ajudar parentes, vizinhos e conhecidos (Santos, 2006).

Foram identificadas 36 espécies de plantas consideradas medicinais pelos entrevistados, distribuídas em 17 famílias botânicas. As famílias mais representativas em número de espécies foram Asteraceae com 9 espécies, Lamiaceae com 6 espécies e Myrtaceae com 3 espécies. Lima (2007) estudando uma comunidade de Bandeirantes, PR, encontrou 43 espécies, enquanto Santos (2006), encontrou para uma comunidade rural da Margem Grande em Natividade da Serra, SP, 115 espécies de plantas consideradas medicinais.

Das plantas fitoterápicas citadas pelos entrevistados algumas foram relatadas com maior frequência. A seguir estão relacionadas às indicações de uso popular destas plantas e os seus efeitos curativos segundo a literatura científica. Capim - cidreira (*Cymbopogon citratus* Stapf.) foi citada em doze entrevistas, seu uso popular: gripe, resfriado, problemas de coração, calmante, febre, pressão alta. Na literatura suas propriedades medicinais são: calmante, combate gases intestinais, combate febre, alivia dores (de estômago, barriga e cabeça), digestivo e sedativo da tosse (Rigueiro, 1997). Erva - doce (*Foeniculum vulgare* Mill) foi citada em onze entrevistas, seu uso popular: pressão alta, dor de estômago e vesícula, intestino preso, gases, calmante. Na literatura suas propriedades medicinais são: combate gases intestinais, combate cólicas, facilita a menstruação, estimula a produção de leite materno, digestivo e diurético na raiz (Rigueiro, 1997). Hortelã (*Mentha* sp.) foi citada em onze entrevistas, seu uso popular: calmante, dor de barriga, bicha, gripe, infecção de garganta, dor de estômago. Na literatura suas propriedades medicinais são: digestivo, estimulante e tônico geral, combate gases intestinais, combate cólicas (Rigueiro, 1997).

Quanto às formas de preparação citadas, encontramos oito tipos: chá (a planta é fervida em água); infusão (a água fervida é colocada sobre a planta); maceração da planta em água para ser ingerida (geralmente para plantas muito amargas); emplastro (é feita uma pasta que é aplicada no local dolorido); xarope (feito com a mistura de outras plantas e ingredientes como açúcar, alho e mel); misturada (planta misturada com leite, sal entre outros ingredientes), gargarejo (a planta é amassada com água) e mastigação da folha. Sendo que o chá e infusão foram as mais citadas. Isso também foi observado por Santos *et al.*, (2008) durante o levantamento do uso de plantas medicinais pela população do município de Ariquemes, em Rondônia. Destacou-se também nas entrevistas que grande parte dos entrevistados utiliza a combinação de plantas com outros ingredientes como: poejo (*Mentha pulegium* L.) com mel e açúcar queimado. Outro fator, é que não há um padrão na quantidade utilizada nas preparações, foram citados apenas, *um pedacinho, um punhadinho, uma mão*, entre outras. As partes citadas das plantas utilizadas pelos moradores foram semente, broto, raiz, caule, folha e fruto.

Em relação à toxicidade das plantas citadas, o boldo (*Plectranthus barbatus* Andrews), segundo Costa (2006), constituiu uma das plantas mais citadas em levantamentos etnobotânicos de plantas medicinais do Brasil, para a qual muitos estudos visando detectar ações farmacológicas foram

desenvolvidos. Todavia faltam informações sobre riscos à saúde, decorrentes do uso prolongado de doses repetidas de preparados à base dessa espécie, o qual na revisão dos trabalhos publicados no período de 1970 a 2003 envolvendo ações farmacológicas de *P. barbatus* evidencia o potencial medicinal da espécie, o que justifica sua grande utilização na medicina popular. Por outro lado, a constatação de efeitos tóxicos sobre o fígado e rins de animais tratados pelo extrato metanólico das raízes e aquoso das folhas, feita por Costa (2002), deixa claro a necessidade de se orientar as comunidades para o uso racional da espécie.

Analisou - se a faixa salarial dos entrevistados, a maioria, 66,67% possuem renda familiar entre um a três salários mínimos e 33,33% vivem com até um salário mínimo. Com relação à ocupação, ficou registrado que 6 dos entrevistados fazem apenas o serviço doméstico, 3 são lavradores, 2 são lavradores aposentados, 1 agente de saúde, 1 auxiliar de escritório, 1 pedreiro, e 1 costureira.

Em relação ao nível de escolaridade, o conhecimento e uso de plantas medicinais é maior nas pessoas com ensino fundamental incompleto e analfabetos. A relação entre o baixo nível de escolaridade e a maior familiarização com o poder medicinal de espécies vegetais pode refletir a busca, devido ao baixo poder aquisitivo, de formas alternativas de tratar as doenças, que não envolvam a compra de medicamentos caros (Santos, 2008). Outro fator, é que se a pessoa possui pouco nível de estudo, ela possivelmente tem um menor contato com informações científicas, as quais, geralmente, desconsideram a importância do conhecimento tradicional.

E de acordo com a naturalidade, dez entrevistados são naturais de Dom Viçoso (MG); dois entrevistados são de São Paulo (SP), dois são de Virgínia (MG), um é de São Lourenço (MG), sendo as duas últimas cidades vizinhas de Dom Viçoso. De todos os entrevistados, 60% disseram que se preocupam com a coleta, plantio e quantidade usada das plantas para que não haja risco de intoxicação por excesso de consumo ou utilização de espécies semelhantes que podem causar danos à saúde.

Observou - se que as pessoas com idades mais avançadas entre 45 e 85 anos possuíram inúmeras citações de fitoterápicos, já os mais jovens praticamente não citaram uso destes produtos. E também se identificou que o conhecimento de maior parte dos entrevistados foi adquirido através de pais e avós, sendo passado de geração em geração, outras fontes de informação indicadas foram vizinhos e livros, não sendo examinado nenhum tipo de conhecimento adquirido através dos meios de comunicação como rádio, televisão e internet, e nem por profissionais de saúde. Estes dados indicam uma queda quanto ao uso de plantas medicinais na comunidade, que segundo os mesmos “*compra remédio pronto na farmácia é mais fácil do que pranta*”. De acordo com muitos moradores, isto se deve a inúmeros fatores, como facilidade na obtenção e indicação médica de medicamentos alopáticos, perda do conhecimento popular em relação ao uso, cultivo, preparo destas plantas, e principalmente, pela desvalorização do conhecimento tradicional pelos mais jovens.

Mas, ainda é possível verificar pessoas que utilizam esse tipo de medicamento devido à tradição, por ser mais barato, por ser algo natural, entre outros fatores. Muitos relataram que

sempre veem resultados no tratamento com plantas medicinais, pois acreditam que o produto natural extraído, muitas vezes de seus próprios quintais, é mais eficiente que os remédios industrializados. Isto reflete certo distanciamento no imaginário destas pessoas, que acham que os medicamentos receitados pelos médicos não têm analogia com os de origem natural, os quais muitas vezes são produtos naturais, porém industrializados. Segundo uma entrevistada, “*não basta apenas utilizar as prantas é preciso ter fé pra dá resultado*”, evidenciando que a prática dos moradores também está relacionada com fatores religiosos e crendices. Assim, embora a preservação dos costumes e tradições esteja se perdendo ao longo do tempo e que mesmo a área sendo próxima de cidades mais urbanizadas, além disso, percebe - se de alguns informantes um vasto conhecimento e uma íntima relação com as plantas medicinais tanto no cultivo como no preparo das mesmas.

CONCLUSÃO

Tendo como referência os dados obtidos na pesquisa com a população de Dom Viçoso (MG) foi possível constatar um número relativamente alto (36 espécies) de espécies indicadas como medicinais pelos entrevistados. A principal parte utilizada foi a folha, as principais formas de uso foram chá e infusão e as principais indicações do uso popular foram calmante e dor de estômago. As mulheres de faixa etária mais avançada possuem um maior conhecimento e utilização dos fitoterápicos.

O uso tradicional de plantas medicinais vem perdendo espaço gradativamente ao longo das gerações para outras formas de tratamento. Ainda assim, a relação dos moradores com plantas medicinais revelou - se bem expressiva, mesmo com o declínio de pessoas que possuem o conhecimento e utilizam, sendo essa prática significativa para o município.

Dessa forma, existe a necessidade de um trabalho que resgate e valorize o conhecimento popular em relação aos fitoterápicos no município, dado a importância dessa prática tanto como alternativa para as comunidades mais carentes, orientação sobre a toxicidade e como melhoria da qualidade de vida dos mesmos.

REFERÊNCIAS

- Amaral, C. L. F.; Ribeiro, G.S.; Trindade, E.R.; Borges, D.C.; Alvez, J.S.; Rebouças, T.N.H. Levantamento Etnofarmacológico de Plantas Antiinflamatórias, Antihipertensivas e Antidiabéticas na Cidade de Jequié/Bahia. Anais do 46 Congresso Brasileiro de Olericultura, São Paulo, SP. 2006, p. 235 - 235.
- Amorozo, M. C. M. A abordagem etnobotânica na Pesquisa de Plantas medicinais. In: Distase, L. C. (Org.). *Plantas medicinais: Arte e Ciência, Um guia de estudo interdisciplinar*. EDUSP, São Paulo, 1996. p.47 - 68.
- Camejo Rodrigues, J. S. Estudo Etnobotânico das plantas aromáticas e medicinais. In: Figueiredo A.C.; Barroso, J.G.; Pedro L.G. *Potencialidades e Aplicações das Plantas Aromáticas e Medicinais*. Edição da Faculdade de Ciências

- da Universidade de Lisboa - Centro de Biotecnologia Vegetal, Lisboa, 2007, p. 168 - 174.
- Correa, A.D., Siqueira - Batista, R, Quincas, L.E. *Plantas Mediciniais do Cultivo à Terapia*. Vozes, São Paulo, 2005. 248p.
- Costa, M.C.C.D. Aspectos farmacológicos de *lectranthus barbatus* Andr. (Lamiaceae): atividades antimicrobiana, citotóxica e antitumoral. Instituto de Ciências Biológicas, Recife, PE, Universidade Federal de Pernambuco. 2002. 124p.
- Costa, M.C.C.D. Uso popular e ações farmacológicas de *Plectranthus barbatus* Andr. (Lamiaceae): revisão dos trabalhos publicados de 1970 a 2003. *Rev. Bras. Pl. Med.* , Botucatu, 8:81 - 88, 2006.
- Ferreira, S.H., *et al.*, *Medicamentos a partir de plantas medicinais no Brasil*. Ferreira, S.H., *et al.*, *Medicamentos a partir de plantas medicinais no Brasil*.. Academia Brasileira de Ciências, São Paulo, 1998.133p.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Dom Viçoso. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>, acesso em: 28 mar. 2009.
- Lima, C. B., *et al.*, Uso de Plantas Mediciniais pela População da Zona Urbana de Bandeirantes - PR. *Revista Brasileira de Biociências*, Porto Alegre, 5: 600 - 602, 2007.
- Miguel, M.D., Miguel, O.G. *Desenvolvimento de Fitoterápicos*. Tecmedd, Ribeirão Preto, 2004, 115p.
- Rigueiro, M. P. *Plantas que curam - Manual ilustrado de plantas medicinais*. Paulus, São Paulo, 1997, 192 p.
- Santos, J.F.L. Uso de plantas medicinais na comunidade rural da Vargem Grande, município de Natividade da Serra, SP. Instituto de Ciências Agrônômicas, Botucatu, SP, UNESP. 2006.106 p.
- Santos, M.R.A., Lima, M.R., Ferreira, M.G. Uso de plantas medicinais pela população de Ariquemes, em Rondônia. *Horticultura Brasileira*, 26: 244 - 250, 2008.